

# Brasília, 26 anos

Margaret Cunha

**B**RASÍLIA — Vai ser a maior festa de aniversário que Brasília já teve: no dia 21 de abril de 85, a morte de Tancredo Neves apagou a alegria dos 25 anos da cidade. E outros 20 aniversários foram festejados sem alegria da população. Basta lembrar que até os fundadores da cidade eram barrados no baile. Agora, Brasília, que nasceu em forma de uma cruz, vai festejar 26 anos no clima de esperança da era do cruzado.

A morte de Tancredo adiou a festa e adiou também a discussão: que cidade é essa, que já tem mais de meio quarto de século? Para muitos, ela não passa de uma criança; outros lembram que ela já viveu muita coisa: teve nove Presidentes da República, três Primeiros-Ministros, tropas na Esplanada, juntas militares, Congresso invadido, universidade ocupada. Mas com tanta história para contar, Brasília só este ano vai votar de verdade, para escolher os próprios representantes no Senado e na Câmara. E os candidatos vão ter que ouvir a alma da cidade cassada, que agora tem voz.

Pedro, 36 anos, motorista de táxi, nasceu em Brasília de Minas (a cidade se chamava só Brasília mas, com a inauguração da nova capital, teve que se chamar "de Minas"). Pedro até hoje não aceitou a nova Brasília: "Aqui tem gente de todo lugar, tem gaúcho, tem carioca, cearense, paulista. Só estou juntando malhado para voltar para a minha Brasília, onde só tem mineiro."

A diversidade que espanta Pedro encanta o psicólogo João Claudio Todorov, vice-reitor da UNB. Paulista, há 22 anos em Brasília, ele ainda se impressiona com o mosaico humano da cidade: "O brasiliense é o único brasileiro que não tem sotaque." O professor Todorov se sente em casa morando no campus da Universidade.

Já o mineiro Paulo Roberto, 41 anos, arquiteto, 20

## JOSÉ APARECIDO

### Festa e homenagem a mineiros ilustres

**A** festa de aniversário de Brasília, que também é uma homenagem a três mineiros — o alferes Tiradentes; o fundador da cidade, JK; e o fundador da Nova República, Tancredo Neves —, toma todo o tempo de um outro mineiro: o Governador José Aparecido.

Entre dezenas de telefonemas e audiências até a um grupo de urbanistas da Alemanha que estudam Brasília —, o Governador faz uma pausa de cinco minutos e toma uma xícara de cha. Anfitrião da festa, ele diz por que este 21 de abril é tão importante para Brasília e para o Brasil:

"Quando Brasília ia comemorar o jubileu, no ano passado, o aniversário coincidiu com a Nova República, com a reconstrução do poder civil. A Capital deixava de ser "quartel" para retomar sua origem. Eram dois motivos de festa, mas justamente naquele dia 21 de abril sofremos a morte de Tancredo Neves".

O Governador chama a atenção para outro fato: "Brasília — diz ele entusiasmado — está vivendo uma

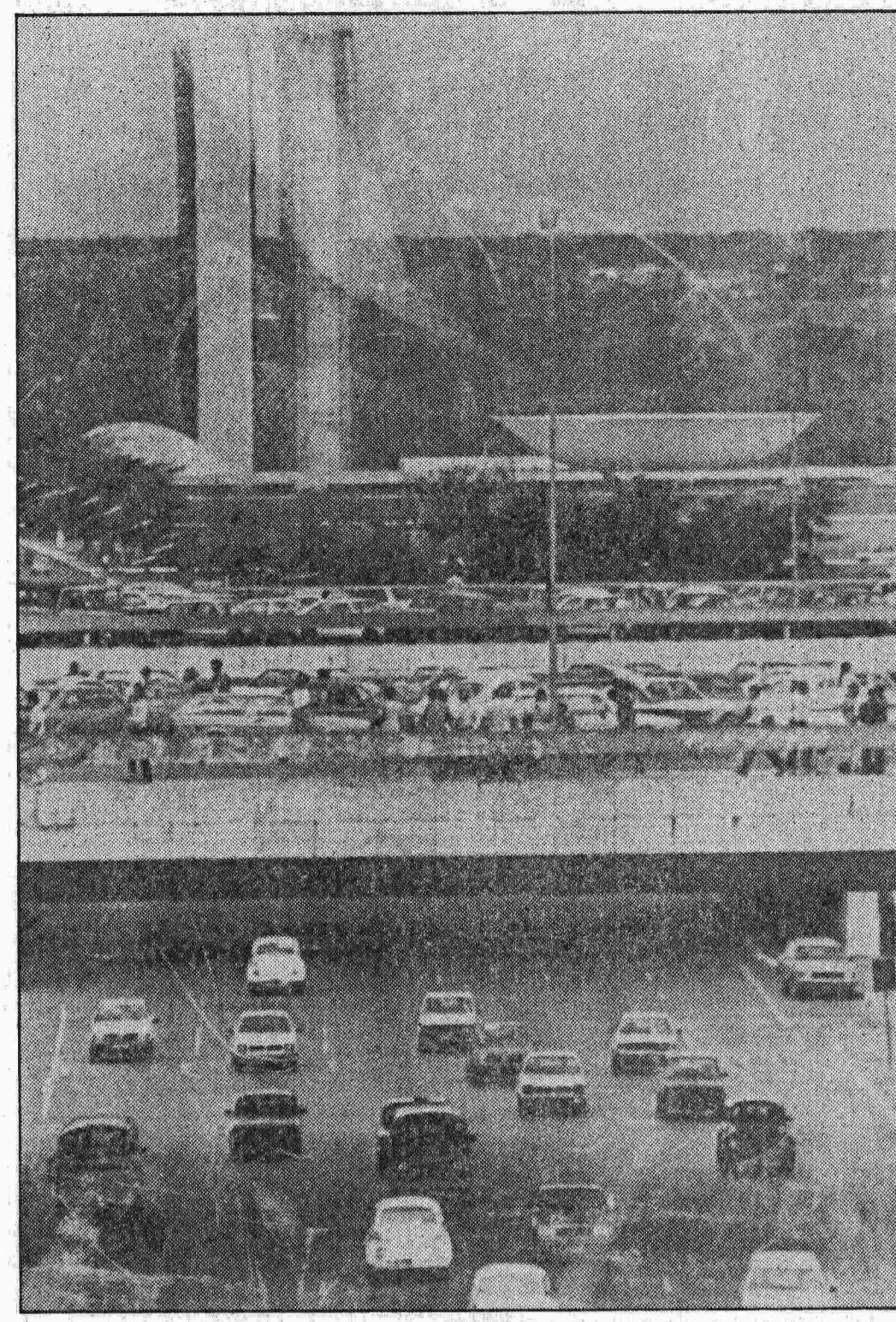
### Uma peça para JK Tiradentes e Tancredo

**M**AIS de 70 pessoas — que nunca pisaram num palco antes — fazem um espetáculo para homenagear três brasilienses, por acaso, três mineiros, que transformaram o Brasil: Tiradentes, JK e Tancredo Neves, cujos destinos estão ligados a um mesmo dia, o 21 de abril. Nesse dia, Tancredo e Tiradentes morreram e JK inaugurou Brasília. O espetáculo chama-se 63 — 3 K 21 — o auto dos predestinados, idealizado por um brasiliense, dirigido por um carioca e estrelado pela gaúcha Itala Nandi. Trata-se de uma experiência inédita na capital da República.

A peça estreou em Brasília no dia 15, e encerrará a temporada hoje. Depois, segue para Goiânia, Belo Horizonte e Rio, onde o diretor, o carioca Marcos Fayad, pretende apresentá-la no Sambódromo. A atriz e empresária Itala Nandi disse que o espetáculo é uma grande surpresa porque conta a História da Brasil

Todos os atores são gente de Brasília mesmo, uma experiência que a atriz Itala Nandi, com mais de 20 anos de teatro, acha muito importante, porque estimula e profissionaliza jovens que querem ser atores e moram fora do eixo Rio-São Paulo.

## Do sinal da cruz ao cruzado



anos em Brasília, desabafa: "Aqui em Brasília, a gente é mesmo hóspede. Os filhos da gente é que são os donos da cidade." Um dos "donos" da cidade, José Godói, 24 anos, estudante de Ciências Sociais da UNB, adora Brasília, onde nasceu justamente no dia 21 de abril: "Aqui não tem violência, a gente tem mais liberdade, faz som. Você vê, o Renato Russo, que é hoje sucessor na Legião Urbana, estudou com a gente no cursinho."

Na onda do rock, a vocação futurista de Brasília já é de exportação: Augusto Junqueira, 26 anos, carioca, acha que o que há de novo em matéria de música no Brasil sai de Brasília. Augusto cita como exemplo os conjuntos brasilienses Legião Urbana, Plebe Rude e Obina Shok, que estão "esportando em todo o país".

O jovem e o velho em Brasília: no dia da inauguração da capital, o poema escolhido para ser lido na festa foi o do paulista Guilherme de Almeida. Ele via na nova capital a trilha dos bandeirantes, a rosa dos ventos, a encruzilhada tempo-espaco. Hoje, o governador José Aparecido traz de volta os "desenhistas de Brasília" para que eles recuperem o tempo perdido no Governo militar e ocupem o grande espaço que a cidade ainda tem: Oscar Niemeyer, o arquiteto, Lúcio Costa, o urbanista, e Burle Marx, o paisagista, voltam à cena para preservar Brasília sonhada há 30 anos.

Mas eis que surge o brasiliense — que não é só aquele jovem que nasceu e cresceu na cidade. É o brasiliense que adotou Brasília e procura saídas fora do plano dos criadores. É o caso do professor Frederico de Holanda, que há 14 anos ensina Arquitetura e Urbanismo na UnB. Ele acha que a vivência na cidade tem que ser respeitada. "Quem viveu de perto e estuda os problemas do dia-a-dia de Brasília, nesses 26 anos, tem que ser ouvido para melhorar a cidade". O professor Holanda fala de uma cidade que foi planejada para ter 500 mil habitantes e hoje tem mais de 1 milhão e

meio — um sonho que se choca com a realidade.

Na hora do parabéns, a dura crítica de "como vai a aniversariante?". Lúcio Costa sonhava com uma cidade sem qualquer cruzamento no trânsito. Hoje, Brasília tem sinais luminosos como qualquer outra cidade. Não tem engarrafamento, é verdade, mas os motoristas abusam da velocidade e há sempre o perigo da batida e do atropelamento. Lúcio Costa imaginava uma cidade acolhedora e lírica. Mas a realidade do país invadiu Brasília, que já tem muito assalto, muito menor abandonado, muito desempregado e subempregado.

O sistema de saúde teoricamente é perfeito, mas o erro médico dá uma triste fama à medicina de Brasília. O transporte coletivo é o mais caro do país, o sistema de telefone bate recordes de linha cruzada e o custo de vida também é recordista: Brasília foi a única capital que teve inflação (em torno de 0,5%) em vez de deflação, no mês de março. Com o anúncio do cruzado, os aluguéis novos subiram em até 100%. A falta de lugar para se morar é tão crítica em Brasília como em qualquer cidade antiga. A cidade nova não escapou do velho problema da superpopulação — aquele brasileiro a mais que chega procurando emprego...

No coração de Brasília, chamado de Plano Piloto (as Asas Sul e Norte e os Lagos Sul e Norte) moram quase 400 mil pessoas. As outras 1 milhão e 100 mil pessoas vivem nas cidades-satélites (os subúrbios de Brasília), nas invasões (as favelas de Brasília) ou no Entorno (nome da periferia do Distrito Federal).

Brasília inchou tanto que a cidade-satélite de Ceilândia tem mais gente do que o Plano Piloto. Uma das moradoras de Ceilândia se chama Brasília Maria Costa Góis. Foi a primeira criança a nascer em Brasília, justamente no dia da inauguração da cidade.

Quem escolheu o nome dela foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Eu chorava de vergonha do meu nome

meio — um sonho que se choca com a realidade.

Na hora do parabéns, a dura crítica de "como vai a aniversariante?". Lúcio Costa sonhava com uma cidade sem qualquer cruzamento no trânsito. Hoje, Brasília tem sinais luminosos como qualquer outra cidade. Não tem engarrafamento, é verdade, mas os motoristas abusam da velocidade e há sempre o perigo da batida e do atropelamento. Lúcio Costa imaginava uma cidade acolhedora e lírica. Mas a realidade do país invadiu Brasília, que já tem muito assalto, muito menor abandonado, muito desempregado e subempregado.

O sistema de saúde teoricamente é perfeito, mas o erro médico dá uma triste fama à medicina de Brasília. O transporte coletivo é o mais caro do país, o sistema de telefone bate recordes de linha cruzada e o custo de vida também é recordista: Brasília foi a única capital que teve inflação (em torno de 0,5%) em vez de deflação, no mês de março. Com o anúncio do cruzado, os aluguéis novos subiram em até 100%. A falta de lugar para se morar é tão crítica em Brasília como em qualquer cidade antiga. A cidade nova não escapou do velho problema da superpopulação — aquele brasileiro a mais que chega procurando emprego...

No coração de Brasília, chamado de Plano Piloto (as Asas Sul e Norte e os Lagos Sul e Norte) moram quase 400 mil pessoas. As outras 1 milhão e 100 mil pessoas vivem nas cidades-satélites (os subúrbios de Brasília), nas invasões (as favelas de Brasília) ou no Entorno (nome da periferia do Distrito Federal).

Brasília inchou tanto que a cidade-satélite de Ceilândia tem mais gente do que o Plano Piloto. Uma das moradoras de Ceilândia se chama Brasília Maria Costa Góis. Foi a primeira criança a nascer em Brasília, justamente no dia da inauguração da cidade.

Quem escolheu o nome dela foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Eu chorava de vergonha do meu nome

meio — um sonho que se choca com a realidade.

Na hora do parabéns, a dura crítica de "como vai a aniversariante?". Lúcio Costa sonhava com uma cidade sem qualquer cruzamento no trânsito. Hoje, Brasília tem sinais luminosos como qualquer outra cidade. Não tem engarrafamento, é verdade, mas os motoristas abusam da velocidade e há sempre o perigo da batida e do atropelamento. Lúcio Costa imaginava uma cidade acolhedora e lírica. Mas a realidade do país invadiu Brasília, que já tem muito assalto, muito menor abandonado, muito desempregado e subempregado.

O sistema de saúde teoricamente é perfeito, mas o erro médico dá uma triste fama à medicina de Brasília. O transporte coletivo é o mais caro do país, o sistema de telefone bate recordes de linha cruzada e o custo de vida também é recordista: Brasília foi a única capital que teve inflação (em torno de 0,5%) em vez de deflação, no mês de março. Com o anúncio do cruzado, os aluguéis novos subiram em até 100%. A falta de lugar para se morar é tão crítica em Brasília como em qualquer cidade antiga. A cidade nova não escapou do velho problema da superpopulação — aquele brasileiro a mais que chega procurando emprego...

No coração de Brasília, chamado de Plano Piloto (as Asas Sul e Norte e os Lagos Sul e Norte) moram quase 400 mil pessoas. As outras 1 milhão e 100 mil pessoas vivem nas cidades-satélites (os subúrbios de Brasília), nas invasões (as favelas de Brasília) ou no Entorno (nome da periferia do Distrito Federal).

Brasília inchou tanto que a cidade-satélite de Ceilândia tem mais gente do que o Plano Piloto. Uma das moradoras de Ceilândia se chama Brasília Maria Costa Góis. Foi a primeira criança a nascer em Brasília, justamente no dia da inauguração da cidade.

Quem escolheu o nome dela foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Eu chorava de vergonha do meu nome

meio — um sonho que se choca com a realidade.

Na hora do parabéns, a dura crítica de "como vai a aniversariante?". Lúcio Costa sonhava com uma cidade sem qualquer cruzamento no trânsito. Hoje, Brasília tem sinais luminosos como qualquer outra cidade. Não tem engarrafamento, é verdade, mas os motoristas abusam da velocidade e há sempre o perigo da batida e do atropelamento. Lúcio Costa imaginava uma cidade acolhedora e lírica. Mas a realidade do país invadiu Brasília, que já tem muito assalto, muito menor abandonado, muito desempregado e subempregado.

O sistema de saúde teoricamente é perfeito, mas o erro médico dá uma triste fama à medicina de Brasília. O transporte coletivo é o mais caro do país, o sistema de telefone bate recordes de linha cruzada e o custo de vida também é recordista: Brasília foi a única capital que teve inflação (em torno de 0,5%) em vez de deflação, no mês de março. Com o anúncio do cruzado, os aluguéis novos subiram em até 100%. A falta de lugar para se morar é tão crítica em Brasília como em qualquer cidade antiga. A cidade nova não escapou do velho problema da superpopulação — aquele brasileiro a mais que chega procurando emprego...

No coração de Brasília, chamado de Plano Piloto (as Asas Sul e Norte e os Lagos Sul e Norte) moram quase 400 mil pessoas. As outras 1 milhão e 100 mil pessoas vivem nas cidades-satélites (os subúrbios de Brasília), nas invasões (as favelas de Brasília) ou no Entorno (nome da periferia do Distrito Federal).

Brasília inchou tanto que a cidade-satélite de Ceilândia tem mais gente do que o Plano Piloto. Uma das moradoras de Ceilândia se chama Brasília Maria Costa Góis. Foi a primeira criança a nascer em Brasília, justamente no dia da inauguração da cidade.

Quem escolheu o nome dela foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Eu chorava de vergonha do meu nome

## LÚCIO COSTA

### Mudança inevitável foi para melhor

**L**ÚCIO Costa, 84 anos, pioneiro da arquitetura moderna no Brasil e autor do plano-piloto de Brasília, encara as transformações sofridas pela capital, ao longo de seus 26 anos, com a maior naturalidade, dizendo que elas eram inevitáveis e foram para melhor.

A vida é sempre mais rica do que podemos imaginar — afirma o arquiteto — e a única coisa de que podemos ter certeza, em urbanismo, é de que tudo vai ocorrer de forma inesperada. Na última vez que fui a Brasília, percorri tudo, inclusive as cidades-satélites, e gostei muito do que vi.

Para Lúcio Costa, o que se passou em Brasília foi a integração de todo o país e a recuperação de tradições perdidas nas grandes metrópoles, como o hábito de as pessoas se visitarem nos fins de semana. Houve, é claro, aspectos negativos e que fugiram a seu controle, mas estes datam da própria construção da capital:

— Eu havia previsto as superquadras para que nelas pudesse conviver três padrões econômicos, as classes alta, média e baixa. Era uma solução capitalista inteligente, mas Juscelino e

— pelo que vi na periferia — comenta o arquiteto — elas estão muito bem, apesar de haver algumas favelas. Mas elas são sempre de pessoas recém-chegadas à capital, que não têm ainda trabalho ou onde morar decentemente.

Lúcio Costa diz que, por ser a capital, Brasília não pode ser uma cidade como outra qualquer, mas o lugar onde aflorasse o verdadeiro espírito do país, com suas contradições sim, mas acima de tudo com suas tradições.

Forró, balé, rock, poesia e povo na rua

tafogo, hoje no Teatro Nacional, todos os outros programas vão ser de graça. Bailes de carnaval, forró, show de rock e concerto da Orquestra Sinfônica, em frente ao Congresso Nacional, show com Paulinho da Viola, Carlos Lyra, Toto Madi e Leny Andrade também na rua, trio elétrico esquentando a cidade e os subúrbios. A festança acaba com um espetáculo de fogos de artifício que já tem até um número especial, chamado de Aquarela do Brasil: os fogos vão pintar a noite de verde e amarelo a noite de Brasília, em frente ao Con-

— Toda a festa vai Cz\$ 3 milhões 700 custar exatamente a metade que custou o Festival de Cinema de Gramado", informa o diretor da Fundação Cultural do DF, Reynaldo Jardim. Ele garante: "Agora, sim, Brasília, aos 26 anos, será entregue ao povo".

Brasília, a primeira a nascer na cidade: "minha filha vai se chamar Sheila"

Para Lúcio Costa, a cidade está bem, "apesar de algumas favelas".

Cadeiras de plástico e vitrais da Catedral devem ser mudados, diz Niemeyer

Os criadores da cidade estão vivos e ativos, lembra Aparecido

cios". Niemeyer acha de

muito mau gosto as cadeiras de plástico e as samambaias que espalham pela igreja.

Outra coisa que pretende

mudar são os vitrais da Ca-

tedral. No projeto inicial, os

vitrais deviam ser coloridos,

não transparentes como os

que foram colocados.

Agora, 26 anos depois,

o criador analisa a criatura:

"Brasília está na sua quinta

fase: a primeira foi a idéia de

criá-la; a segunda fase foi o

Plano Piloto, traçado por

Lúcio Costa, o urbanista;

a terceira foi a determinação

que JK teve de construir a

capital em quatro anos ape-

nas; a quarta foi a mais lon-

ga, foi o tempo da censura,

de autoritarismo, de arbi-

trio, de pressão e de violên-

cia; agora estamos na quin-

ta fase, a de conclusão da

cidade — graças ao gover-

nor José Aparecido, que é